

ADRIANO APARECIDO DE OLIVEIRA



**O ENSINO DE GRAVURA NA FUNDAÇÃO DE ARTE DE OURO PRETO
FAOP**

GOVERNADOR VALADARES

2011

ADRIANO APARECIDO DE OLIVEIRA

O ENSINO DE GRAVURA NA FUNDAÇÃO DE ARTE DE OURO PRETO

FAOP

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientador: Rodrigo Borges Coelho

GOVERNADOR VALADARES

2011

OLIVEIRA, Adriano Aparecido de

O Ensino de Gravura na Fundação de Arte de Ouro Preto -
FAOP: Especialização Em Ensino de Artes Visuais / Adriano
Aparecido de Oliveira. – 2011
47 f.

Orientador (a): Rodrigo Borges Coelho

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de
Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de
especialista em Ensino de Artes Visuais.

1. Artes visuais – Estudo e ensino I. Coelho, Rodrigo Borges
II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes
III. O Ensino de Gravura na Fundação de Arte de Ouro Preto -
FAOP.



Universidade Federal de Minas Gerais
Escola de Belas Artes
Programa de Pós-Graduação em Artes
Curso de Especialização em Ensino de Artes
Visuais

Monografia intitulada “*O Ensino de Gravura na Fundação de Arte de Ouro Preto - FAOP*”, de autoria de *Adriano Aparecido de Oliveira*, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes membros:

Orientador: Rodrigo Borges Coelho – EBA/UFMG

Maria Luiza Dias Viana – EAU/UFMG

Governador Valadares, 08 de outubro de 2011

Dedico este trabalho à minha amiga
Sandra Silva por ter sido uma grande
incentivadora.

AGRADECIMENTOS

Aos professores Hednamar e Álvaro pela dedicação e carinho. Aos colegas de curso Breno e Rose, grandes companheiros nesse caminho.

RESUMO

Define-se por gravura uma imagem reproduzida por diversas vezes a partir de uma matriz. Sendo assim, a gravura é o princípio básico de tudo o que se imprime desde as mais antigas manifestações até a atualidade. Neste trabalho de pesquisa é feita uma conceituação de gravura e um levantamento de sua história, evidenciando o ensino de gravura, na Fundação de Arte de Ouro Preto - FAOP através da obra da artista e gravadora Annamélia Lopes.

Palavras-chave: Gravura. FAOP. Annamélia Lopes. Ensino de Gravura.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Desenho rupestre: veado ferido por azagaias	14
Figura 2 - Cilindro de barro inscrito em cuneiforme babilônico.....	15
Figura 3 - Moeda Fenícia gravada em ouro	15
Figura 4 - A Piedra Del Sol - Calendário Solar da Cultura Asteca.....	16
Figura 5 - Xilogravura da Escola Ukiyo e - Autor Desconhecido	17
Figura 6 - Primeira impressão da Bíblia, impressa por Gutenberg.....	18
Figura 7 - O casamento de Mopsus e Nisa de 1566. Albrecht Dürer. Nuremberg, 1471 – 1528	18
Figura 8 - Urs Graf, 1485-1527: The devil prevents the flight of a bound slav.....	19
Figura 9 - Peter Paul Rubens (1558-1617)	19
Figura 10 - Crouching Tahitian Woman – 1901	20
Figura 11 - Franz Masereel – The City.....	21
Figura 12 - Valete de Ouro - Baralho em xilogravura	22
Figura 13 - Chuva-Oswald Goeldi	23
Figura 14 - Lasar Segall – Sem título	23
Figura 15 - Axl Leskoschek - Xilogravura Original Para Dostoievski – 3.....	24
Figura 16 - Lívio Abramo: Operário - Xilogravura, 1935.....	24
Figura 17 - Iberê Camargo: Gravura em Metal 1963.....	25
Figura 18 - Carlos Scliar - Xilografia, 1951 – Sem título.....	25
Figura 19 - Gilvan Samico – Xilogravura – Sem título.....	26
Figura 20 - Hansen Bahia – Xilogravura – Sem título	26
Figura 21 - Hansen Bahia – Xilogravura – Sem título	27
Figura 22 - Conceição Piló – Xilogravura – Sem título	27
Figura 23 - Izabella Gustowska, técnica mista, 1987	28
Figura 24 - Isabelle Lutz, água-tinta, 2001	29
Figura 25 - Sede da FAOP Bairro Rosário – Ouro Preto / MG.....	31
Figura 26 - Viagem de Annamélia a Ouro Preto, 1964.....	36
Figura 27 – Convite da Inauguração da Galeria de Arte Pilão	37
Figura 28 - Dicionário das Artes Plásticas no Brasil, 1973.....	38
Figura 29 - Convite da Exposição de obras de Nelo Nuno, 1976.....	39
Figura 30 - Annamélia Lopes / Sem título	41

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. CONCEITUAÇÃO E CONTEXTO HISTÓRICO DA GRAVURA	12
1.1. CONCEITUAÇÃO DE GRAVURA	12
1.2. TÉCNICAS UTILIZADAS EM GRAVURA.....	13
1.3. CONTEXTO HISTÓRICO DA GRAVURA	14
1.4. A GRAVURA NO BRASIL	21
1.5. A GRAVURA HOJE	27
2. A FUNDAÇÃO DE ARTE DE OURO PRETO.....	30
2.1. O QUE É A FAOP?	30
2.2. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA FAOP	31
2.3. A GRAVURA NA FAOP	32
3. A ARTISTA ANNAMÉLIA LOPES	35
3.1. BIOGRAFIA DE ANNAMÉLIA LOPES	35
3.2. FORMAÇÃO ARTÍSTICA	35
3.3. A OPÇÃO POR OURO PRETO	36
3.4. TRAJETÓRIA.....	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS.....	46

INTRODUÇÃO

O presente estudo pretende investigar a história, o desenvolvimento e a importância do ensino de gravura, na Escola Rodrigo Melo Franco de Andrade, dentro da Fundação de Arte de Ouro Preto, FAOP, com o objetivo de contribuir com a construção de material teórico e ampliar o conhecimento sobre o assunto.

A Fundação de arte de Ouro Preto foi inaugurada em 1968, sendo incorporada à sua estrutura a Escola de Arte Rodrigo Melo Franco de Andrade, esta criada por Annamélia Lopes e seu marido, o artista plástico Nello Nuno. Após a morte de Nello Nuno, Annamélia Lopes continuou seu trabalho como professora de gravura em metal e xilogravura da Escola de Arte e paralelamente como gravadora em seu atelier particular. Sua contribuição para a introdução da gravura neste período teve grande importância, pois possibilitou o surgimento de diversos artistas “gravadores” que atuam até hoje, além de possibilitar o resgate e a manutenção das técnicas utilizadas em gravura.

O estudo pretende mostrar ainda o ensino de gravura na FAOP como contribuinte para a construção de um conjunto vasto de informações, observadas através da produção artística, resultado do ensino ao longo de quarenta e dois anos de existência desta disciplina na referida instituição.

Trata-se de um período rico e produtivo das artes plásticas em Minas Gerais. Deste período surgiram movimentos que visavam fomentar a consciência preservacionista, por artistas que voltaram seu olhar para o rico patrimônio histórico e artístico presente nas cidades coloniais mineiras, e ameaçado pela má preservação e conservação. Tais movimentos artísticos sentiram na cidade a vocação de produzir e absorver arte e um dos resultados destes movimentos foi a instauração da Fundação de Arte de Ouro Preto, FAOP.

Ao reconhecer a importância da arte-educação promovidas pela Fundação de Arte de Ouro Preto, pretende-se mostrar também que ao ensinar arte, não apenas formam-se artistas, mas também contribui-se para a formação cultural integral do

educando preparando-o para a vida em amplos sentidos. Trata-se de despertar para um olhar crítico, sensível e humano.

Pretende-se ainda verificar, ao longo da história de ensino de arte da FAOP, quais processos de ensino de arte foram utilizados, enfocando principalmente qual foi o processo utilizado pela professora Annamélia Lopes no ensino de gravura.

O primeiro capítulo do presente trabalho de pesquisa terá por objetivo conceituar gravura e seus aspectos históricos, as técnicas utilizadas e a evolução destas até a atualidade. O segundo capítulo versará sobre a Fundação de Arte de Ouro Preto - FAOP e o ensino aprendizagem de gravura na referida instituição. O terceiro e último capítulo evidenciam o trabalho da gravurista e arte educadora Annamélia Lopes e suas contribuições para o ensino de gravura na FAOP.

1. CONCEITUAÇÃO E CONTEXTO HISTÓRICO DA GRAVURA

1.1 CONCEITUAÇÃO DE GRAVURA

Define-se por gravura uma imagem reproduzida por diversas vezes a partir de uma matriz, geralmente tendo como suporte/matriz, madeira, metal, tecido, dentre outros. Sendo assim, gravura é o produto final obtido a partir de uma matriz gravada. A gravura pode ser desenvolvida através de diferentes técnicas que foram sendo criadas e aprimoradas durante séculos.

De acordo com a definição encontrada no dicionário de Aurélio Buarque de Holanda,

“gravar é entalhar com formão em madeira, esculpir com cinzel em pedra, é abrir cunhos com buril, é insculpir em material duro, é entalhar, incisar, abrir, fixar ou fazer corroer para posterior impressão, é marcar com selo ou ferrete, é perpetuar, é reter na memória.”

Percebe-se segundo Costella (1994), que em todos os significados há em comum a idéia de perpetuação ou duração de alguma informação.

Embora tão numerosos os sentidos do verbete, nota-se que em todos eles se repete uma essência comum: a idéia de fazer durar uma informação. Gravar é fazer permanecer para o futuro um significado. Seu sinônimo mais abrangente talvez seja *marcar*. Gravar é deixar uma marca. E, quem marca, marca para algum fim, com um objetivo. O objetivo é transmitir uma informação, é comunicar alguma coisa. Logo, gravar é fazer uma marca para comunicar algo. (COSTELLA, 1994, p. 8)

Ao gravar, o objeto gravado pode ser ele mesmo um produto final ou pode-se utilizá-lo como matriz para tiragem de cópias como se fosse um carimbo.

1.2 TÉCNICAS UTILIZADAS EM GRAVURA

Dentre as técnicas utilizadas até a atualidade, destaca-se a xilogravura como a forma mais antiga de se fazer gravura. O suporte para esta técnica é a madeira. Com o uso de ferramentas fazem-se sulcos em baixo relevo na madeira. Na xilogravura, os altos relevos é que receberão a tinta e os baixos relevos funcionarão como o “negativo”. O suporte recebe a tinta com o uso de um rolo geralmente de borracha dura e em seguida deita-se o papel sobre a matriz, possibilitando a impressão da arte sobre o papel. Como afirma Costella (1994), a xilografia aparece no mundo impressa sobre tecidos. Existem registros de tecidos impressos datados de 2.000 anos antes de Cristo. Impressões em panos segundo o autor, teriam sido encontradas na Índia, Pérsia, China e Japão e, também, nas culturas pré-colombianas.

A gravura em metal é, também, bastante antiga e consiste na gravação da imagem que se pretende reproduzir sobre uma chapa de metal. Para gravar a chapa de metal, o artista utiliza geralmente uma “ponta seca”, ou seja, um instrumento de metal de ponta bem fina e rígida. Com este instrumento o gravador faz sulcos sobre os traços desenhados. Neste caso, ao contrário da xilogravura, o baixo relevo é que receberá a tinta. Após receber a tinta, a superfície é limpa e a chapa de metal vai para uma prensa, onde em alta pressão imprime-se a arte sobre o papel. O metal nesta técnica poderá receber banho de ácidos que irão corroer os sulcos criados e conferir efeitos visuais diversos à obra.

Outro tipo de gravura é a “litografia”, que tem como suporte a pedra. Da mesma forma que o suporte de metal, poderá receber também ácidos para corrosão dos sulcos, com a finalidade de reter melhor a tinta. Para a gravação na pedra litográfica o material utilizado é oleoso. Para esta técnica usam-se os chamados lápis litográficos. Algumas tintas à base de óleo também são usadas para gravar a pedra. Após o processo de desenho com o lápis litográfico e tintas a óleo, os espaços sem desenho são isolados com uma goma, para que estes não sofram o processo corrosivo. Em seguida o suporte está pronto para ser impresso em papel, sendo levado a uma prensa.

A Serigrafia é o que chamamos hoje de *silk screen*. Neste caso o suporte é uma tela que tem seu desenho “revelado” em um processo semelhante ao da fotografia. A Serigrafia foi utilizada em larga escala na estamperia de tecidos, com a possibilidade de se obter elementos repetidos através de uma mesma matriz.

A técnica do linóleo é semelhante à linóleogravura. Utilizam-se como suportes materiais chapas de borracha. O processo de gravação e impressão são os mesmos utilizados na xilogravura. Esta técnica é nova devido ao material ser de uso recente. Vários artistas têm utilizado suportes alternativos, como placas de gesso, para gravar e obter impressões.

1.3 CONTEXTO HISTÓRICO DA GRAVURA

Como afirma Costella (1994), registros encontrados por historiadores calculam o aparecimento dessa técnica, desde a pré-história, no período paleolítico. A representação do cotidiano dos humanos desse período foi encontrada em diversas paredes de grutas e cavernas através de pinturas e desenhos rupestres. As desenhos rupestres eram geralmente gravados sobre a rocha. Há também registros de desenhos gravados em ossos, no barro, no marfim, dentre outros materiais naturais. As representações eram gravadas através de sulcos, o que possibilitou sua perpetuação até a atualidade.

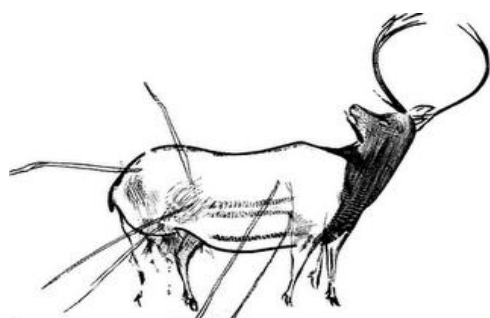


Figura 1 - Desenho rupestre: veado ferido por azagaias. Caverna da Penha, Candamo, Astúrias

Dentre as civilizações antigas existem registros de matrizes gravadas em praticamente todas elas. Por volta de 4.000 a.C., na Mesopotâmia, a Suméria, hoje Iraque, possuía um método de escrita em barro. Eram usados cilindros

gravados em barro, cilindros que se assemelham aos atuais rolos de impressão em *off set*.



Figura 2 - Cilindro de barro inscrito em cuneiforme babilônico por conta de Ciro, Rei da Pérsia.

No Egito antigo, 3.300 a.C., selos eram impressos a partir de uma matriz. No Paquistão e Índia, 3.300 a 1.500 a.C., foram encontrados, através de escavações recentes, selos gravados em terra cota, pedras e metal. Os povos fenícios, 1.000 a.C., idealizaram uma escrita feita através de um alfabeto próprio que era feito de ícones gravados, representativos do seu mundo real. Na China de 870 a.C., existem registros de gravações da escrita em cascos de tartaruga e em tiras de bambu.



Figura 3 - Moeda Fenícia gravada em ouro

Mais tarde na Grécia e em Roma, 750 a.C. a 300 a.C., surge a necessidade de registro das ideias e de uma comunicação mais eficaz, fazendo surgir a impressão e a cunhagem de moedas. Com a cunhagem da moeda surge a gravura, devido à necessidade de entalhe em baixo e alto relevos. A literatura

romana passa a ser registrada em rolos impressos, que eram chamados de códices.

Na China, datado de 868 a.C., foi encontrado o mais antigo livro de que se tem notícia no mundo, gravado em madeira e impresso em papel. Nas Américas, nas culturas pré-colombianas, Maias, Astecas e Incas, os registros de gravações são evidentes nos inúmeros símbolos gravados em alto e baixo relevos encontrados principalmente nas rochas.



Figura 4 - A Piedra Del Sol - Calendário Solar da Cultura Asteca

A xilogravura é a mais antiga técnica utilizada de gravura com matriz, e o Japão a utiliza séculos. A gravura japonesa chegou à Europa no século XIX. Na escola de gravura japonesa *Ukiyo-e*, haviam desenhistas, gravadores, impressores e editores, que conjuntamente trabalhavam com temas poéticos, eróticos, dramáticos, épicos e históricos.



Figura 5 - Xilogravura da Escola Ukiyo e - Autor Desconhecido

No ocidente, com a introdução do papel na Europa Medieval, século XIV, abriu-se a oportunidade para tiragens de livros ilustrados com xilogravuras. Os temas retratavam pequenas histórias, anedotas, superstições, milagres, desastres e fenômenos naturais. Ao final da idade média os temas passam a ser os seculares.

Na Antuérpia, na primeira metade do século XV, foram impressos os principais incunábulos, primórdios dos livros. Os “tipos” que são as letras, eram gravados em madeira e as ilustrações eram xilografias. Neste período começam-se a acrescentar cores nas gravuras.

Jean Gutenberg de Mainz na Alemanha de 1454 revolucionaria a história da grafia com a criação de matrizes em aço. No final do século XV haviam se multiplicado significativamente na Europa as casas impressoras.



Figura 6 - Primeira impressão da Bíblia, impressa por Gutenberg

Entre os expoentes mais importantes da xilogravura do século XV destaca-se o artista Albrecht Dürer (1471-1528), cujos primeiros trabalhos foram feitos para as crônicas de Nuremberg. Dentre seus trabalhos destaca-se a ilustração do livro do apocalipse. Outro expoente desta época é o artista Urs Graf (1458-1528). Seus trabalhos carregam temas dramáticos que mostram como foi sua vida de soldado nos campos de batalha.



Figura 7 - O casamento de Mopsus e Nisa de 1566. Albrecht Dürer. Nuremberg, 1471 – 1528



Figura 8 - Urs Graf, 1485-1527: The devil prevents the flight of a bound slave

Com o passar do tempo, aproximadamente entre 1520 e 1580, a gravura em metal vai se sobrepunhando à xilogravura. A gravura em metal passou a ser muito usada para a reprodução de obras de artistas conhecidos.

Com a gravura em metal surge a técnica chamada de *chiaroscuro*, (claro-escuro). Peter Paul Rubens (1558-1617), foi um grande expoente desta técnica, chegando a fazer tiragens de até 2.000 cópias.



Figura 9 - Peter Paul Rubens (1558-1617)

Jean Michel Papillon, considerado o inventor do papel de parede, iniciou seus trabalhos fazendo desenhos em blocos separados, que ao se encaixarem formavam desenhos com continuidade. Esta técnica contribuiu para que o inglês Thomas Bewick (1753-1828) criasse a xilogravura de topo.

Paul Gauguin (1848-1903), fez renascer a técnica da xilogravura, quando vivendo na Polinésia criou suas famosas imagens de inocência pagã e interpretações poéticas de um mundo natural prestes a desaparecer. Neste mesmo período, Edward Munch (1863-1944), interessa-se pela xilogravura elevando ainda mais o caráter artístico da técnica ao explorar os veios da madeira como elemento e parte da composição de sua obra.



Figura 10 - Crouching Tahitian Woman – 1901

Com o renascimento da xilogravura no século XX, a técnica passou a ser utilizada para ilustração de livros como fez o escritor Ambroise Vollard, ao encomendar ao artista Raoul Dufy (1877-1953), a ilustração de seus textos literários.

Na Europa destacaram-se ainda artistas xilógrafos expressionistas como Erich Heckel (1883-1970), Karl Schimidt Rottluff (1883-1976) e Kate Kollwitz (1867-1945). Wassily Kandinsky (1866-1944) e Franz Marc (1880-1916), destacaram-se por exercer, através da gravura, influência na Bauhaus, Escola de Arquitetura e Design alemã. Da Bélgica destaca-se Franz Masereel (1889-1971), que com sua obra humanitária expressou sua preocupação com a população sofrida pela I Guerra Mundial.



Figura 11 - Franz Masereel – The City

1.4 A GRAVURA NO BRASIL

No Brasil os índios utilizavam matrizes para imprimir nos corpos formas e símbolos de sua cultura.

O pintor italiano Guido Boggiani que percorreu em 1892 o sul de Mato Grosso, descreveu em seu livro “Viaggi d’un Artista Nell’ America Meridionale”, publicado em Roma três anos depois, que os Kadiwéu pintavam “o corpo até a cintura, recobrando-o de pequenos ornamentos repetidos ao infinito”. Surpreendeu-o tamanha paciência e intrigou-o em especial a precisão com que o sinal era rigorosa e identicamente repetido. Desvendou, afinal, o mistério ao encontrar uma matriz de madeira na qual os índios haviam entalhado o sinal e com o qual carimbavam os próprios corpos. (COSTELLA, 1994, p. 83)

A xilogravura de origem europeia surge no Brasil Colônia da necessidade de impressão de baralhos. A produção de baralhos era monopólio do Estado. Por alvará do rei de Portugal começou-se a operar uma fábrica de baralhos na Bahia. As atividades desta fábrica se encerraram em 1823, quando foi liberado o comércio de baralhos.



Figura 12 - Valete de Ouro - Baralho em xilogravura

A gravura em metal mais antiga produzida no Brasil de que se tem comprovação, foi a impressão em 1807 do “Ocúspulo Calcográfico” impresso em Minas Gerais pelo padre José Joaquim Viegas de Menezes.

Segundo Costella (1994), no século XVIII a xilogravura era desprezada na Europa e relegada a segundo plano como sendo uma “arte menor”. Talvez por isso, com a vinda da Família Real para o Brasil não vieram xilógrafos. A xilogravura teria sido introduzida no Brasil por gravadores em metal, que conhecendo a técnica lançaram mão dela por necessidades diversas. Pela simplicidade da técnica, no século XIX a xilogravura passou a ser amplamente usada na impressão de papéis comerciais, publicidade e jornais. Através das necessidades advindas da “Impressão Régia” que era a tipografia do Império, do Arquivo Militar e da Estamparia dos tecidos em Chitas, as diferentes técnicas de gravura passaram a ser utilizadas no Brasil

Ao final do século XIX a xilogravura comercial vai cedendo lugar aos equipamentos gráficos industriais modernos. O renascer da xilogravura no Brasil deu-se praticamente ao mesmo tempo que na Europa. No início do século XX era próprio dos brasileiros seguir o modelo europeu nos costumes de um modo geral e nas artes não era diferente. Deste período surge a soma do artista criador e do entalhador, ou seja, uma só pessoa desempenhava os dois papéis.

A revalorização da xilogravura coube a Giovanni Cattaneo Ricardi, quando apresenta suas xilogravuras no Salão Anual de Belas Artes no Rio de Janeiro em 1901. Apesar do esforço de Cattaneo, seguiram-se ainda duas décadas até que o público adotasse e reconhecesse a xilogravura como arte. Como introdutores da gravura de arte no Brasil, destacam-se artistas como Osvaldo Goeldi (1895-1961), Lasar Segall (1891-1957). O artista Axl Leskoschek (1899-1976), de origem austríaca, que veio para o Brasil fugindo do nazismo, lecionou xilogravura para nomes como Fayga Ostrower e Goeldi. Lívio Abramo (1903-1992), realizou trabalhos em gravura ilustrando jornais na década de 20. Suas representações mais expressivas demonstram uma preocupação com as causas sociais e políticas.



Figura 13 - Chuva-Oswald Goeldi



Figura 14 - Lasar Segall –

Sem título



Figura 15 - Axl Leskoschek - Xilogravura

Original Para Dostoievski - 3



Figura 16 - Lívio Abramo: Operário - Xilogravura, 1935

Considerada a segunda geração da gravura de arte no Brasil, os alunos dos pioneiros iniciaram sua formação específica em gravura na década de 40. Destacam-se nomes como Fayga Ostrower, Renina Katz, Misabel Pedrosa, Ivan Serpa, Marcelo Grassmann, Odetto Guersoni, Henrique Oswald, Darel Valença, Iberê Camargo, Mário Gruber Correia, Vitor Brecheret, Alberto da Veiga Guignard.



Figura 17 - Iberê Camargo: Gravura em Metal

1963

A partir da década de 50 a gravura difundiu-se por todo o território nacional. Gravadores formados no Rio e São Paulo, ao retornarem aos seus locais de origem levavam consigo a técnica e a difundiam em escolas de arte e em seus ateliês particulares. Talvez esse processo tenha sido acelerado pelo Museu de Arte de São Paulo, o MASP, por ter ampliado seus cursos de arte, incluindo a xilogravura. Outro movimento importante da década de 50 foi o Clube da Gravura de Porto Alegre. Um dos seus principais inspiradores foi o artista Carlos Scliar. Desta época surgem várias escolas, podendo destacar a ODA-Oficina de Arte em São Paulo (1950), a fundação do Clube da Gravura da cidade de Santos em 1951, a abertura do ateliê coletivo da Sociedade de Arte Moderna do Recife, PE, (1952), a inauguração do ateliê de gravura do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro em 1959 e o início do Grupo Congregado em torno de Hansen-Bahia em Salvador, BA, (1955).



Figura 18 - Carlos Scliar - Xilografia, 1951 – Sem título

A rica tradição de cultura popular do Nordeste tem participação preponderante na preservação da técnica da xilogravura, especialmente com as gravuras que ilustram os livretos da literatura de cordel. Dentre os expoentes nordestinos na xilogravura erudita e moderna, destaca-se Gilvan Samico, aluno de Lívio Abramo e Goeldi, que conseguiu reunir elementos da gravura popular nordestina e elementos eruditos em suas composições. Na Bahia da década de 50, destacaram-se gravuristas como Hansen-Bahia, Mário Cravo e Henrique Oswald.



Figura 19 - Gilvan Samico – Xilogravura – Sem

título



Figura 20 - Hansen Bahia – Xilogravura – Sem

título

Na gravura mineira, nomes como Misabel Pedrosa e Conceição Piló destacaram-se por lecionar gravura na Escola de Belas Artes de Belo Horizonte. Também no cenário mineiro, destacou-se especialmente a artista Iara Tupinambá que estudou em 1954 com Misabel Pedrosa e aperfeiçoou a técnica com Goeldi. É preciso lembrar ainda em Minas, Annamélia Lopes (Nova Lima, MG, 1936), gravadora que foi uma das fundadoras da Escola de Arte Rodrigo Melo Franco de Andrade em Ouro Preto, MG, atual Fundação de Arte de Ouro Preto, FAOP, da qual falaremos mais a frente de modo específico e destacado. Vicente Roberto

Sgreccia (Botelhos, MG, 1944), Stella Maris de Figueiredo (Carmo do Paranaíba, MG, 1946), Vilma Martins Morais (Belo Horizonte, MG, 1934), também são expressivos nomes da gravura em Minas Gerais.



Figura 21 - Annamélia Lopes – Gravura em

Metal – Sem título



Figura 22 - Conceição Piló – Xilogravura – Sem título

1.5 A GRAVURA HOJE

O panorama da gravura no Brasil a partir da década de 1960 até meados de 1990 alterou-se de forma discreta. Aos poucos o ensino de gravura foi sendo introduzido nas grades curriculares da maioria das escolas de arte e design do

país. A Universidade de São Paulo, USP, por exemplo, mantém hoje, na Escola de Comunicações e Artes o Bacharelado em Gravura.

Na atualidade verifica-se através de alguns autores, uma nova perspectiva sobre a técnica principalmente após o advento das novas tecnologias de impressão e a democratização da imagem, o que tem permitido uma reflexão sobre como os novos recursos tecnológicos podem exercer influência sobre a tradicional gravura.



Figura 23 - Izabella Gustowska, técnica mista, 1987

Neste contexto, o conceito de gravura na atualidade vem sendo discutido e redefinido. De acordo com informações obtidas através do *blog cadernos de gravura*, a exposição **Trans/migrations: Printmaking as Contemporary Art** em San Juan, Porto Rico, 2004, teve como proposta reconhecer e refletir as transformações que ocorreram após o surgimento de novas tecnologias de impressão, do acesso à fotografia digital, scanners, impressoras, plotagens, internet e tudo o que isso implicou do ponto de vista sociológico no acesso do público à imagem, e ainda, como os artistas gráficos tem se utilizado dessas tecnologias. Uma das conclusões feitas a partir dessas reflexões foi que percebeu-se uma tendência dos artistas contemporâneos em utilizarem a gravura tradicional como um meio para se obter outros resultados gráficos e não como um fim. Assim, observa-se o surgimento de um espaço poligráfico para a Gravura e uma redefinição da mesma enquanto prática artística contemporânea.

Dentro de uma nova definição da gravura, e a partir desta proposta de reflexão, a exposição de San Juan propôs três eixos para definir a gravura hoje, que são:

Impugnations: Inscrição, reprodução ou impressão de marcas deixadas na terra por organismos vivos animais, vegetais e/ou humanos, as impressões deixadas pelas guerras e conflitos humanos e as cartografias enquanto mapas e diagramas dos deslocamentos da humanidade.

Grids Insertions: Tudo o que se prende a uma matriz gráfica utilizada nas intervenções em espaços públicos, na imprensa, ou por meio da internet.

Off Register: Reflete a nostalgia dos meios tradicionais da Gravura e o desejo de ampliação e manutenção de seu status tradicional.

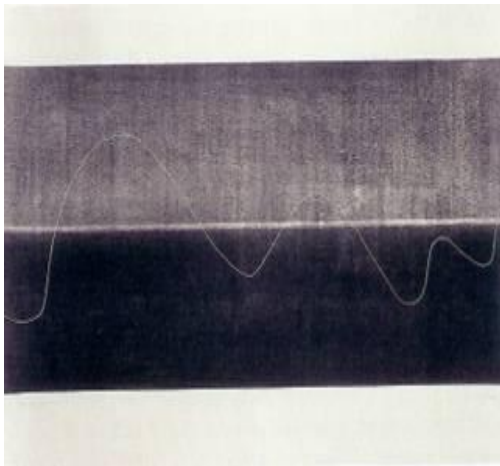


Figura 24 - Isabelle Lutz, água-tinta, 2001

2. A FUNDAÇÃO DE ARTE OURO PRETO

2.1 O QUE É A FAOP?

A Fundação de Arte de Ouro Preto - FAOP sediada na cidade de Ouro Preto, Minas Gerais é um órgão público vinculado ao Sistema Estadual de Cultura do Governo do Estado de Minas Gerais, pelo decreto 44858/2008. Tem integrada à sua estrutura a Escola de Arte Rodrigo Melo Franco de Andrade, EARMFA, formada pelos Núcleos de Conservação e Restauração, de Arte e de Ofícios. A escola é apontada como

Fazem parte da instituição o Memorial Pedro Aleixo, a Galeria de Arte Nello Nuno e a Biblioteca Murilo Rubião com acervo especializado em arte, restauração, conservação e preservação do patrimônio histórico, artístico e cultural. A escola mantém cursos livres e gratuitos de arte de desenho, pintura, escultura, história da arte, xilogravura e gravura em metal. Além destes a escola oferece o curso técnico de conservação e restauração pioneiro na conservação do patrimônio artístico e histórico nacional, e um curso de qualificação para profissionais da construção civil, para atuar em obras de conservação e restauração

A Instituição que tem como missão a valorização da arte em todas as suas dimensões e o incentivo à preservação do patrimônio cultural.

A FAOP reconhece o valor das manifestações culturais do passado e do presente, as expressões legítimas do povo e propaga, a partir de Ouro Preto, um novo conceito de arte e de cultura - com a valorização e o resgate dos ofícios, dos fazeres e das manifestações culturais tradicionais. Responde pela retomada de fortes tradições religiosas e artísticas na antiga capital, envolvendo toda a comunidade e motivando a permanência das manifestações culturais dos ciclos do Natal e da Semana Santa, para evitar sua perda e descaracterização. E amplia sua capacidade de ação, projetando sua influência para além dos limites regionais, participando efetivamente do contexto cultural nacional e contribuindo para que os brasileiros considerem a importância do acervo histórico e artístico como um bem social a

ser defendido e preservado. (Fonte: *site* Institucional, www.faop..mg.gov.br)

A FAOP conta com três sedes: um solar na Rua Getúlio Vargas, no bairro Rosário; a Casa do Presidente Pedro Aleixo no bairro Antônio Dias e a Casa de Bernardo Guimarães, sede do Núcleo de Ofícios da Fundação, no bairro Cabeças.



Figura 25 - Sede da FAOP Bairro Rosário – Ouro Preto / MG

2.2 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA FAOP

A Fundação de Arte de Ouro Preto, nasceu de uma sugestão do poeta Vinícius de Moraes e da atriz Domitila do Amaral, que perceberam na cidade de Ouro Preto uma grande capacidade de produção e absorção de arte.

O então Governador do Estado de Minas Gerais Israel Pinheiro, confiou à Murilo Rubião a tarefa de implantar a FAOP. A FAOP foi inaugurada em 1968 e integrou à sua estrutura a Escola Rodrigo Melo Franco de Andrade, EARMFA, criada pelos artistas Nello Nuno e Annamélia Lopes. No início da década de 1970 o curso técnico em conservação e restauro obteve destaque na Fundação, quando o restaurador Jair Afonso Inácio, restaurador e conservador de obras de arte, teve a iniciativa de organizar aquele que seria considerado o primeiro curso para formação de restauradores do país.

Atrelado ao curso de restauração, disciplinas como, desenho, cores, pintura, escultura e gravura desenvolviam-se como parte integrante do currículo. É nesta época que a artista Annamélia se destaca como professora de gravura na FAOP.

Nos últimos anos, mais precisamente a partir de meados da década de 1990, a Fundação de Arte de Ouro Preto fortaleceu-se frente à disponibilização de recursos provindos dos fundos de incentivo à cultura, notadamente após a lei 7505/1866, lei Roaunet de Amparo à Cultura a lei estadual de apoio à cultura, lei 12733 de 30 de dezembro de 1997. Assim, segundo consta do *site* oficial da FAOP, a Fundação tem ampliado sua atuação realizando parcerias com organizações públicas e não governamentais em trabalhos de pesquisa, promoção cultural, conservação e restauração de bens móveis e imóveis, cursos de arte, qualificação profissional e preparação para o mercado de trabalho.

2.3 A GRAVURA NA FAOP

A concepção original da FAOP é de uma escola livre e gratuita de artes, em que não existe sujeição a um determinado estilo artístico nem processos de seleção para admissões. A disciplina de gravura na FAOP existe desde a fundação da Instituição. A artista Annamélia Lopes foi a principal contribuinte para a manutenção e desenvolvimento das técnicas em gravura. A metodologia de ensino de gravura na FAOP desenvolveu-se ao longo dos anos incorporando novos elementos à tradicional técnica, porém o processo básico para o aluno desenvolver seu trabalho ainda é o mesmo. Inicialmente são desenvolvidos ensaios através da técnica da monotipia. Após esta etapa o aluno escolhe qual desenho pretende transportar para a matriz afim de reproduzi-la. Na FAOP trabalha-se com matrizes em metal, (gravura em metal) e em madeira (xilogravura). De acordo com Annamélia Lopes, ao aluno de gravura na FAOP, as aulas de história da arte são dadas concomitante a prática.

Como ex aluno da FAOP¹ e de Annamélia passei pela experiência de fazer o curso de xilogravura e a metodologia foi bastante distante daquela colocada na ementa do curso. Foi um período em que a Instituição passava por enormes dificuldades financeiras. Foi possível perceber uma diminuição gradativa da qualidade do ensino de arte, especialmente de gravura, pois não tive aulas de

¹ Fui aluno da FAOP entre 1987 e 1989 onde tive a oportunidade de freqüentar as aulas de gravura

história da arte e fazíamos o que viesse de “inspiração” sem pouco ou quase nenhum direcionamento. Lembro-me de uma colega que passou a desenhar a partir de abstrações de raízes de plantas e eu comecei a desenhar a partir de abstrações sobre rolos de barbante embolados e esta decisão foi puramente minha sem nenhuma orientação por parte da professora. Outra colega tinha como temas reproduções de pranchas de outros artistas. Nestes casos, aprendeu-se a técnica em detrimento de um direcionamento voltado para o método como um todo. Fizemos xilogravura sem conhecer sua história e fundamentos básicos. Desenhávamos o que viesse na cabeça sem noção do que estávamos fazendo. Desta forma percebe-se que a abordagem triangular proposta por Ana Mae Barbosa, onde os componentes do ensino/aprendizagem da arte pautam-se no fazer artístico, na leitura da obra de arte e na história da arte, não foi aplicada no cotidiano das salas de aula, o que trouxe grandes dificuldades a mim em conhecer os métodos, obter um direcionamento e entender o que eu estava produzindo enquanto arte.

A autora Juliana Gouthier ressalta em seu artigo “O Ensino de Arte no Brasil”, o surgimento no final dos anos de 1940, das escolas ou escolinhas de arte, em que o ensino de arte era pautado na livre expressão, como sendo um rumo alternativo na busca de uma identidade ainda desconhecida. Uma escola apenas voltada para o treinamento do olhar e a liberação da emoção, perdendo assim o seu rumo próprio.

Um outro momento importante dentro da minha experiência como aluno do curso de gravura da FAOP, foi quando por falta de direção comecei a fazer experiências com materiais diversos, que consistia em entintar uma chapa de metal e colocar sobre a tinta folhas e galhos de plantas que levados à prensa surtiam determinados efeitos únicos. Um processo semelhante à monotipia, realizado com materiais inusitados. Os resultados eram para mim interessantes, porém, após alguns trabalhos realizados, levei toda a tiragem até o artista Carlos Scliar, com quem fiz aulas de desenho e o mesmo me disse: “Isso não vai te levar a lugar nenhum”.

A respeito desta crítica de Scliar, hoje posso analisá-la a partir da autora Juliana Gouthier, em sua publicação “Ensino de Arte no Brasil” que cita Ana Mae Barbosa a qual aponta para a importância de uma abordagem de ensino de arte, sistematizado desde 1882 por pesquisadores como Elliot Eisner, Brent Wilson, Ralph Smith e Marjorie Wilton, os quais defendem que a arte tem conteúdos específicos a oferecer e que seu aprendizado vai muito além da “manipulação de materiais por meio de determinadas técnicas”.

Devido à confiança depositada em Scliar, notadamente pelo seu trabalho reconhecido pela crítica, passei a partir deste momento a me dedicar ao desenho como base fundamental para o desenvolvimento de um trabalho mais consciente. Percebo hoje com esta análise, que a FAOP me deu a técnica mas não exerceu influência sobre meu trabalho. A influência que recebi foi do meu mestre Carlos Scliar.

Posso concluir com isso que o método apresentado foi falho neste período em que passei pela experiência de fazer o curso de gravura da FAOP.

3. A ARTISTA ANNAMÉLIA LOPES

3.1 BIOGRAFIA DE ANNAMÉLIA LOPES

Ana Amélia Lopes de Oliveira nasceu em Nova Lima, Minas Gerais em 07 de outubro de 1936. Mudou-se para Belo Horizonte com 06 anos de idade, onde viveu até sua graduação em Belas Artes pela Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG. Viveu por 02 anos, entre 1962 e 1963 em Lagoa Santa, MG, mudando-se em seguida para Ouro Preto onde fixou-se.

Em 1970, em Ouro Preto, criou junto com seu marido, o artista plástico Nello Nuno, a Escola de Arte Rodrigo Melo Franco de Andrade, EARMFA, que mais tarde seria incorporada à Fundação de Arte de Ouro Preto, FAOP.

3.2 FORMAÇÃO ARTÍSTICA

Aos 22 anos em Belo Horizonte, Annamélia ingressa na Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, onde destaca-se pela “(...) disposição e pela decisão firme (...) em praticar sua arte livremente (...) e pelo interesse de expandi-la e divulgá-la (...)”, como a apresenta a jornalista e crítica de arte Maristela Tristão no catálogo da primeira exposição individual de Annamélia realizada em 1965.

Nos primeiros anos de atuação como artista plástica, foi premiada em diversos salões de arte. Conquistou o 1º Prêmio de Desenho e o 3º Prêmio de Gravura no X Festival de Arte de Belo Horizonte, em 1961, e o Prêmio “Aquisição”, de Gravura, no XVIII Salão Municipal de Belas Artes de Belo Horizonte em 1964 e neste mesmo ano, participou da exposição coletiva “Brazilian Contemporary Artists” no Nigerian Museum, na cidade de Lagos, na Nigéria, África. Seu nome aparece ao lado de nomes, já consagrados, como Di Cavalcanti, Iberê Camargo e Caribé.

3.3 - A OPÇÃO POR OURO PRETO

Após dois anos de casada Annamélia muda-se para Lagoa Santa e na granja de sua mãe monta ateliê com o marido Nello Nuno. Em 1964, uma viagem de final de semana a Ouro Preto a faz se apaixonar pela cidade. Então, ela decide morar na antiga capital mineira por três anos. Retorna a Belo Horizonte onde permanece por um ano e em 1969 decide morar definitivamente em Ouro Preto.



Figura 26 - Viagem de Annamélia a Ouro Preto,

1964

Nos primeiros anos residindo em Ouro Preto Annamélia desenvolve uma predileção pelos anjos barrocos que adornam os altares das antigas igrejas, como tema de seus trabalhos.

A cidade de Ouro Preto começava a se movimentar de maneira diferente em torno da arte. Além das edições do Festival de Inverno da UFMG realizados na cidade, Annamélia, Nello e seus amigos artistas, colegas e professores contagiam Ouro Preto com novos conceitos plásticos.

A Galeria de Arte Pilão foi a primeira Galeria de arte permanente de Ouro Preto inaugurada em 1966 com uma exposição conjunta de Annamélia e seu marido Nello Nuno.



Figura 27 - Convite da Inauguração da Galeria de Arte Pilão

Annamélia começa a ministrar cursos de desenho e gravura e Nello Nuno de pintura, o que dará origem à Escola de Arte Rodrigo Melo Franco de Andrade e mais tarde à Fundação de Arte de Ouro Preto, FAOP. A escola de Arte Rodrigo Melo Franco de Andrade passa a existir através de Annamélia e Nello Nuno, que se dedicam à implantação dos núcleos de Artes Plásticas e de Conservação e Restauração de Bens culturais.

Em 1969 Annamélia é premiada em importantes salões de arte, dentre eles no salão da Bienal de São Paulo com o Prêmio Aquisição de Gravura, no III Salão Nacional de Arte de Ouro Preto, e ganha o Prêmio Oficial de Aquisição no Salão Nacional de Arte Contemporânea de Belo Horizonte. Conquista ainda o Prêmio Itamaraty de Gravura na X Bienal de São Paulo, e no ano seguinte obtém o Prêmio de Gravura no II Salão Nacional da Aliança Francesa. Em 1971 é convidada a participar da Sala Novos Valores na Mostra Especial da XI Bienal de São Paulo.

A crítica de arte Celma Alvim, escreve a respeito das conquistas da artista:

“Apresentando um trabalho de feitura muito pessoal, Annamélia veio aos poucos atraindo a crítica nacional e aí está seu currículo (...)”, citando as premiações acima. E argumenta: “Isto se reveste da maior importância ao considerarmos seu temperamento discreto e mesmo arredo à auto-promoção, à qualquer processo de relacionamento social que lhe facilite a carreira”².

Observa Célia Alvin, que a gravurista Annamélia começa a obter um estilo próprio, trazendo em seu trabalho neste momento elementos opostos no

² Fonte: site - arteemouropreto.com.br

conteúdo, característica absorvida talvez pelo barroco que ora respira em Ouro Preto.

“Em uma série de xilogravuras ela traz à tona a dualidade permanente da vida, através do desenho de figuras humanas que se opõem umas às outras. Ordem e caos, guerra e paz, anjos e demônios, estampados em superfícies planas ou com relevos e claras ou escuras e assim prossegue num jogo fascinante de contrastes” finaliza a crítica de arte em seu artigo.³

3.4 TRAJETÓRIA

Em toda a década de 70 Annamélia marca participações em eventos nacionais, como a inauguração da Pinacoteca do Estado de Minas Gerais em 1971 e as exposições coletivas “Barroco Mineiro em São Paulo”, e “Arte Brasil Hoje: 50 Anos Depois”, promovida em comemoração aos 50 anos da Semana de Arte Moderna de São Paulo.

No ano de 1973 a artista Annamélia é selecionada para figurar no Dicionário das Artes Plásticas no Brasil, elaborado pelo pesquisador Roberto Pontual. Em 1974 participa da exposição coletiva “Pinturas e Desenhos sobre Ouro Preto”, ao lado de Amílcar de Castro e Carlos Bracher, que reúne ainda obras de Alberto da Veiga Guignard.

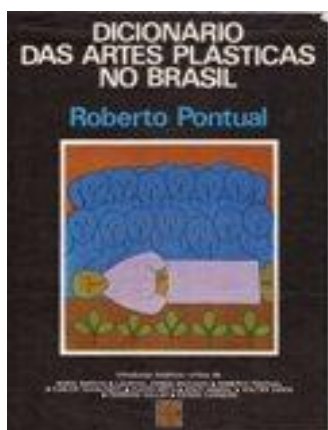


Figura 28 - Dicionário das Artes Plásticas no Brasil, 1973

³ Ibidem.

Em 1975, Annamélia realiza sua segunda exposição individual no Atelier Livre de Artes Plásticas, ALAP, em Belo Horizonte. Mari' Stella Tristão, em matéria publicada no Estado de Minas, comenta:

Movimentadíssimo vernissage e muitos trabalhos vendidos, dois atestados de prestígio pessoal e qualidade artística reconhecidos. Esse final do trabalho de Annamélia é uma gravura na qual se pode sentir, além dos elementos técnicos apurados, uma enorme carga emocional. (MARI'STELLA TRISTÃO, 1975, apud LOPES)

Em 1976 Annamélia expõe na Galeria Guignard, uma reunião de obras de seu ex-marido Nello Nuno, falecido aos 36 anos, no ano anterior. A exposição foi citada pelo jornal Estado de Minas na Coluna Cotidiano. “Há muito não víamos uma galeria tão movimentada como a Guignard, na última segunda-feira, quando foram apresentados os últimos trabalhos de Nello Nuno e de sua viúva Annamélia. Gente por todos os lados, que ficou difícil ver os trabalhos apresentados”



Figura 29 - Convite da Exposição de obras

de Nelo Nuno, 1976

Em 1977 a artista divide a galeria Genesco Murta no Palácio das Artes em Belo Horizonte com o desenhista Carlos Wolney. Com a exposição “Infância Revisitada”.

Realizando um trabalho inteiramente pessoal, eles se ligam por uma mesma intenção – a redescoberta da infância – que (agora) caracteriza suas respectivas obras. Tanto Annamélia como Carlos

Wolney buscam refletir o mundo revelado e transfigurado pela sensibilidade da criança ainda não contaminada pelos convencionalismos. (Márcio Sampaio, 1977, apud LOPES)

Na década de 80 Annamélia não mais acumula as funções de professora e diretora da FAOP e assim dedica-se inteiramente a seus trabalhos, participando ainda, ao lado de alunos e artistas de Ouro Preto de salões de arte e exposições individuais e coletivas. Dentre elas chama a atenção a “Primeira Exposição da Associação dos Artistas Plásticos de Ouro Preto, APOP”, realizada em 1981. No mesmo ano participa de uma mostra de pinturas “Homenagem a Nello Nuno”, junto com 23 artistas mineiros na galeria JS Atelier de Artes, em Belo Horizonte.

Sua lembrança como grande ser humano que era, como excepcional artista que viveu profundamente sua arte e suas amizades, por certo inspirou essa homenagem que os artistas que com ele conviveram prestam em sua memória. O certo é que não apenas Nello Nuno, mas, principalmente, Annamélia é merecedora de tamanho reconhecimento. Artista de sensível personalidade, que, a despeito da luta travada cotidianamente, sobretudo, nos anos de sua precoce viuvez em que foi o esteio e o porto seguro de seus cinco filhos, se entregou de corpo e alma à arte e ao ensino dela, fazendo aflorar e aguçando o espírito artístico dos muitos artistas que a cidade abriga, ouropretanos ou não. (MÁRCIO SAMPAIO, 1981, apud LOPES)

Ainda em 1981 realiza exposição individual em comemoração aos 283 anos da cidade de Ouro Preto com desenhos e gravuras da paisagem colonial ouropretana. No final do mesmo ano é convidada a participar da exposição “The Projection of the Baroque in the Contemporary Art of Minas Gerais – Four Modern Baroque Artists”, organizada pelo Governo do Estado de Minas Gerais, Ministério das Relações Exteriores e Consulado do Brasil em Nova York, onde expõe a xilogravura “Letters”. Neste mesmo ano recebe o prêmio B. Caribé Filho no IV Salão do Conselho Estadual de Cultura do Estado de Minas Gerais em Belo Horizonte.

Em 1984 em Belo Horizonte participa do 1º Salão Nacional de Artes do Palácio das Artes e da coletiva Annamélia, Carlos Wolney, Jorge dos Anjos, Júlia Portes. Neste ano, recebe o Prêmio Aquisição do IX Salão de Arte de Ribeirão Preto -

SARP (SP) e em 1985 conquista o Prêmio Secretaria de Cultura do Estado de Minas Gerais no II Salão de Artes Plásticas de Governador Valadares.



Figura 30 - Annamélia Lopes / Sem título

No ano de 1989 a artista faz parte da exposição A Gravura Brasileira, no Museu de Arte da Pampulha, que tem como objetivo reafirmar a importância da gravura brasileira no cenário artístico, deixada em segundo plano por causa da emergência da pintura naquela década, como aponta o crítico de arte Márcio Sampaio, em matéria publicada no jornal Estado de Minas.

São cerca de 300 obras integrantes do acervo do Museu que traçam a evolução moderna da gravura brasileira, a partir dos mestres Oswaldo Goeldi e Lívio Abramo até jovens artistas dos anos oitenta”. “(...) Formas não convencionais de gravação (matriz e suporte) dos relevos secos, da busca da tridimensionalidade, na magnífica invenção de Krajcberg, de Annamélia e de Eduardo Cruz.” (MÁRCIO SAMPAIO, 1989, apud LOPES)

No final da década de 80 Annamélia convive com um dos piores momentos da FAOP; a falta de incentivos financeiros para a manutenção da instituição e principalmente a insuficiência de salários para os professores, o que passa a

comprometer o funcionamento da escola de artes. Embora a artista esteja nesse momento fora da direção da escola ainda trabalha como professora do curso de gravura. A matéria a seguir publicada no jornal Hoje em Dia, fala sobre as dificuldades enfrentadas pela FAOP.

Felizmente sempre existem pessoas conscientes do papel cultural que desempenham, acima das efemeridades dos governos, e resistem a todo custo. Na Faop, (...) a artista plástica Annamélia, fundadora da instituição e ainda em plena atividade no curso de gravura (...) reconhece a pior crise da fundação (...), mas trabalha e torce para uma reversão do processo. “O desânimo é patente, não há incentivos, (...) e é difícil cobrar a presença de um professor que praticamente paga para dar aula – a maioria do quadro docente é de Belo Horizonte”, conclui Annamélia. (JORNAL HOJE EM DIA, 1989 apud, LOPES)

A década de 90 começa com exposições coletivas e individuais. Em 1992, Annamélia expõe ao lado da filha, Gabriela Rangel, na galeria Gesto & Objetos de Arte, em Ouro Preto. O jornalista, então prefeito de Ouro Preto, Ângelo Oswaldo de Araújo, escreve em matéria no jornal Estado de Minas:

“(...) Mãe e filha conjugam gravuras e desenhos, oferecendo ao público trechos de trabalhos recentes, com os quais reafirmam presença significativa no panorama da arte mineira atual. (...)”

No final do mesmo ano faz parte da exposição de Natal Um Brilho de Esperança, realizada no Espaço de Arte da Companhia Energética de Minas Gerais, CEMIG, reunindo esculturas religiosas de artistas anônimos dos séculos XVIII e XIX e obras de artistas mineiros contemporâneos.

Em 1997 realiza a exposição individual Annamélia – Diversidade / Adversidade (xilogravura e Colagem), realizada na galeria do Espaço Cultural da CEMIG. No ano de 1998 a Câmara Municipal de Ouro Preto concede a Annamélia o título de Cidadã Honorária. A Secretaria de Estado da Cultura promove a Semana de Arte Nello Nuno e Annamélia em comemoração aos 30 anos da FAOP e 300 anos de Ouro Preto. Ainda neste ano outra coletiva traz Annamélia e 22 artistas ouropretanos na exposição Ouro Preto, 300 Anos Depois – Arte Hoje, montada em Belo Horizonte, Vitória, Brasília, Goiânia e Ouro Preto.

Em 2001 Annamélia realiza colagens e participa da coletiva Aspectos Contemporâneos da Arte em Ouro Preto, em comemoração à inauguração do Parque Metalúrgico - Centro de Artes e Convenções da UFOP. No mesmo ano, em Juiz de Fora, Cataguases e Belo Horizonte participa das coletivas Brasil do Novo Milênio: A Arte de Minas e coletiva no Gabinete de Arte - 14ª mostra da Prefeitura de Belo Horizonte.

Em julho de 2002 se integra à exposição de artistas ouropretanos, Intervenções em Ouro Preto: Um Olhar sobre a Cidade. Em setembro figura na Exposição Coletiva de Artes Plásticas Comemorativa ao Centenário do Morro da Mina, juntamente com Carlos Bracher, Fani Bracher, Ivan Marquetti e Jorge dos Anjos, além de artistas de Barbacena, São João Del-Rei e Lafaiete. Em 2005 participa da exposição, Arte na Estrada Real. No final de 2007 participa da exposição “Neovanguardas” no Museu de Arte da Pampulha.

Ao completar 50 anos de atuação artística Annamélia passa a trabalhar, além das gravuras, com pintura a óleo, e a FAOP ao completar 40 anos funciona plenamente como nos primeiros anos da década de 1970.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao evidenciar o ensino de gravura em uma das mais tradicionais escolas de arte livre do País, a Fundação de Arte de Ouro Preto - FAOP, verificou-se que um dos grandes legados deixados pela Instituição foi a manutenção da disciplina gravura, o que contribuiu com a preservação da milenar técnica, quase esquecida e relegada a segundo plano em detrimento das atuais formas de impressão gráfica. Vale ressaltar que há muito não se utiliza a gravura para impressões comerciais e os gravadores atuais se servem da técnica apenas para trabalhos de arte. Não obstante, em alguns estados do nordeste brasileiro a técnica continua a ser usada por alguns artistas para ilustração de livretos de literatura de cordel.

A contribuição, para a manutenção do curso de gravura da FAOP possibilitou ainda o surgimento de diversos artistas gravadores que se destacaram no uso da técnica. O nome de Margarete Lima, ex aluna de Annamélia é um desses destaques, tendo feito exposições no Brasil e exterior.

O vasto conjunto de informações, resultado de quarenta e dois anos de existência da FAOP, nos permite ainda destacar o valor da Instituição para a preservação do patrimônio cultural brasileiro, haja visto ser esta uma das primeiras escolas de preservação e restauração de bens móveis e imóveis do país. Alunos de praticamente todos os estados brasileiros freqüentaram e ainda frequentam o curso de restauração da FAOP, principalmente pelo seu pioneirismo. Várias técnicas de restauro foram criadas a partir das experiências realizadas nos seus laboratórios.

Particularmente devo acrescentar que fui aluno da FAOP entre 1987 e 1989 onde tive a oportunidade de freqüentar as aulas de gravura, tendo como professora a artista Annamélia e ainda pude fazer o curso de restauração. Nesta época passei pela fase financeira mais difícil da Instituição que quase teve que fechar as portas. Após o término dos cursos regressei para minha cidade natal, onde passei a dar aulas de arte e uma das técnicas que nunca abandonei como arte educador foi a xilogravura. Na atualidade, residindo em Governador Valadares e na qualidade de

Ativador Cultural do Programa Social para juventude, Poupança Jovem, tenho desenvolvido uma oficina de xilogravura com 07 alunos. Isto posto, posso concluir que a FAOP, ao manter a disciplina gravura prestou grandes contribuições para mim como professor e para todos os educandos que por mim passaram, além de valiosa contribuição para a memória social e cultural de Minas e do Brasil.

REFERÊNCIAS

ANDRIOLE, Mauro. *Gravura: conceito, história e técnicas*. 2003. Disponível em: <http://www.casadacultura.org/arte/Artigos_o_que_e_arte_definicoes/gr01/gravura_conceito_hist.html> Acesso em: 19/03/2011

CADERNOS DE GRAVURA, Para um entendimento teórico da gravura.

Disponível em: <<http://cadernosdegravura.wordpress.com>> Acesso em:

22/03/2011

CANTELE, Bruna Renata. *História dinâmica antiga e medieval: 7ª série*. São Paulo: IBEP, 1989?. 15-22 p. 4 vol. vol. 3.

COSTELLA, Antônio. *Introdução à Gravura e História da Xilografia*. Campos do Jordão: Mantiqueira, 1984.

Centro Virtual de documentação e referência Oswaldo Goeldi. Disponível em: <<http://www.centrovirtualgoeldi.com/paginas.aspx?Menu=agravura>> Acesso em: 23/05/2011

FERREIRA, Aurélio B. de Hollanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. 1838 p.

GOUTHIER, Juliana. *Ensino de Arte no Brasil: Curso de Especialização e Ensino de Artes Visuais à Distância*. Vol. 1

INSTITUCIONAL FAOP. Disponível em:

<<http://www.faop.mg.gov.br/?action=capa>> Acesso em: 19/03/2011

KALASSA, Ana. *A gravura e o livro: Uma Tradição histórica*, [Revista Ceciliana](#), ISSN 1517-6363, [Nº. 7, 1997](#) , págs. 17-32 Disponível em:

<<http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2209381>> Acesso em 24/03/2011, Acesso em: 19/03/2011

LOPES, Annamélia. *Annamélia Lopes; Texto Autobiográfico* Disponível em: <<http://www.artemouropreto.com.br/portal/iConteudo/Default.aspx?ano=33&art=1>> Acesso em: 10/06/2011

SILVA, Orlando. *A gravura no Brasil no seu início: Galeria de Gravura*. Disponível em: <<http://www.editoradegravura.com.br/agravuranobrasil.htm>> Acesso em: 19/03/2011 Acesso em: 19/03/2011